



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios [AT]

CENÁRIOS DA GLOBALIZAÇÃO: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS EM UM BAIRRO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS; BRASIL)

ARAÚJO, Wânia Maria de

Doutorado em Ciências Sociais

PUC Minas

waniamariaaraujo@gmail.com

Resumo

Este trabalho constituiu-se como o estudo de um bairro da cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais; Brasil) denominado Cachoeirinha com o objetivo de, inicialmente, realizar uma leitura da capital mineira por meio de um de seus bairros. A proposta é decifrar os modos de vida de seus moradores que guardam resquícios de um outro tempo e de uma outra forma de ser habitante de uma paisagem urbana como a cidade de Belo Horizonte. Viver no Cachoeirinha significa experimentar relações comunitárias (Tönnies, 1947) expressas nos laços de vizinhança estabelecidos por seus moradores. Traços de provincianismo estão presentes no cotidiano desse lugar da cidade e são visíveis por meio do conhecimento e reconhecimento que seus habitantes têm uns em relação aos outros e que é exercido por suas práticas espaciais. Para responder a questão das permanências frente às mudanças (Costa, 2008) foi feito o entrecruzamento da história de Belo Horizonte com a história do Cachoeirinha. O bairro Cachoeirinha, não absorveu com a mesma velocidade as mudanças da/na cidade. Isso revela o quanto a urbanidade não é experimentada da mesma forma em uma mesma cidade. Essa particularidade do Cachoeirinha foi compreendida como uma forma dos moradores se preservarem da atitude de reserva (Simmel, 1987) prevalecente no ambiente urbano como se fosse uma estratégia identitária para manterem suas relações de afeto e de vizinhança e seu modo de viver provinciano. Para interpretar essas particularidades do bairro Cachoeirinha a memória (Halbwachs, 1952, 2006; Bosi, 1994; Distante, 1988) foi um conceito importante para trabalhar os nexos entre tempos e espaços do passado e suas configurações no presente, mas também um instrumento metodológico que permitiu recolher os dados por meio do resgate de lembranças.

Abstract

This paper aims at studying a neighborhood, named Cachoeirinha at Belo Horizonte (Minas Gerais/Brazil) to reconstruct the history of the city by analyzing one of its places and the ways his residents live their daily. They conserve vestiges from another time and from other ways of being habitant of Belo Horizonte. Living at Cachoeirinha means that their residents experiment communitarian relations which are expressed by their neighborhood links (Tönnies, 1947). These links reveal their feeling of belonging to the city by the manner life is arranged in that place. Marks of provincianism are present in their daily and can be visible by the way the residents know and recognized each others and the way they execute their spatial practices. To answer the question of permanencies facing changes (Costa, 2008) the comparison between the history of Belo Horizonte and Cachoeirinha's history was done. The maintenance of ways of life much more concerned with a little city means that Cachoeirinha didn't assimilate the changes with the same intensity that they happened in/at the city. Cachoeirinha's peculiarity of being (in)visible for the city was understood as the way of residents preserve themselves from anonymity (Simmel, 1987), from a reserved attitude that rules an urban environment. Interpret these Cachoeirinha's peculiarities means not only to decode their woof, but build a lecture of Belo Horizonte from the way some of their residents live their lives. To interpret this particularities memory (Halbwachs, 1952, 2006; Bosi, 1994; Distante, 1988) was important to deal with past times and spaces and how they are designed today and as a methodology instrument that allowed gather information about Cachoeirinha's peculiarities by the resident's remembrances.

Palavras-chave: Cidade; Bairro; Vizinhança; Urbano;. Modos de Vida.

Keywords: City. Neighborhood; Urban.Memory; Ways of Life.

1 Introdução

Este trabalho constituiu-se, então, como o estudo de um bairro pericentral de Belo Horizonte denominado Cachoeirinha com o objetivo de, inicialmente, realizar uma leitura da capital mineira por meio de um de seus bairros que teve como elemento marcante e constitutivo de sua história a existência de uma fábrica têxtil. Alcançar a cidade por meio do bairro, não significou somente estar atenta aos aspectos físicos e morfológicos do Cachoeirinha e como eles se constituíram e modificaram ao longo do tempo, mas significou uma aproximação com seus moradores. Assim, alcançar a cidade passou a significar, neste trabalho, estar em contato com os moradores de um dos seus lugares que abrigou uma fábrica têxtil por mais de cinquenta anos e que muitos dos seus moradores a tiveram como local de trabalho e, hoje, mesmo que não esteja mais em funcionamento é, no mínimo, referência de localização espacial, bem como um fato que se insinua nas lembranças de seus ex-funcionários e moradores do bairro para enaltecê-la ou para acusá-la de não permitir o desenvolvimento do Cachoeirinha.

Houve e há entrecruzamentos de tempos entre a cidade e o bairro, entretanto esse último não se configura como um espelhamento das mudanças da cidade em toda sua intensidade, por isso seus moradores ainda preservam, como particularidade do Cachoeirinha. Assim, pode-se dizer que os espaços da cidade não são um *continuum* do urbano, mas alguns deles, por ainda guardarem resquícios de outros tempos, são reveladores de que além da interseção, os espaços podem manter-se como “pequenos mundos” que estão próximos, mas não necessariamente passíveis de interpenetração.

A partir dessa percepção de que o Cachoeirinha pode ser a expressão da descontinuidade do urbano, ou das fissuras do urbano no cenário belo-horizontino, uma indagação se constituiu. Se os moradores do Cachoeirinha preservam modos de viver na metrópole pautados pela prevalência das relações comunitárias, experimentadas pelos laços com a vizinhança e com os familiares, podem assim, ser definidos como indivíduos que têm um comportamento que não se pauta pelas atitudes de reserva e anonimato apontadas por Simmel (1987) como características do indivíduo que vive em um ambiente urbano. Mas esse comportamento baseado nas relações de afeto e de amizade não é externado para o restante da cidade, ou seja, os moradores do Cachoeirinha adotam posturas de indiferença em relação àqueles que não são moradores do bairro ou que não são assim reconhecidos. Dessa maneira, a forma de comportamento no interior do bairro faz com que isso seja uma de suas peculiaridades. Na tentativa de decifrar essa particularidade dos seus moradores percebi que esse comportamento no interior do bairro junto aqueles que são reconhecidos como pertencentes àquela localidade além de apontar para uma de suas diferenças em relação a outros bairros de Belo Horizonte, possibilitava uma leitura da imagem do Cachoeirinha para o seu exterior. Essa imagem foi delineando-se cada vez com mais força e se traduziu como invisibilidade que decifrei como se o bairro se voltasse para o seu interior e não tivesse – ou pelo menos não considerasse – a possibilidade de apresentar suas características tanto físicas quanto sociais aos de “fora”. Seus moradores vivem como que encapsulados em um pequeno mundo da cidade, como se estivessem protegidos por uma concha, se preservam do mundo exterior e assim preservam um modo de viver. O bairro modificou-se lentamente, seus moradores e edifícios envelheceram e guardaram não só lembranças, mas também experiências de decifrar e significar o lugar em que se localizam na cidade, baseadas no conhecimento e reconhecimento do outro que vive **no bairro**, nos trajetos por suas calçadas, esquinas e ladeiras, ou seja, nas práticas espaciais realizadas pelos moradores nos ambientes e espaços que lhes são familiares. Interpretei isso como uma estratégia identitária, mesmo que adotada inconscientemente, pois o não se apresentar, o não ter visibilidade, o ser invisível na cidade, é também uma forma de se definir, de se identificar, de mostrar-se timidamente aos outros, de se resguardar dos outros para preservar o seu modo de viver. A alteridade é experimentada pela não apresentação, pela (in)visibilidade. Essa forma de se resguardar do(s) outro(s) não residentes no bairro pareceu-me uma resistência à velocidade das mudanças externas e um receio de estranhar o próprio espaço de localização na cidade, um receio de que ele se torne desconhecido.

É importante, então, apresentar algumas interseções e entrecruzamentos da cidade com o bairro para ressaltar que uma das fissuras do urbano em Belo Horizonte pode ser encontrada no Cachoeirinha que, como parte da cidade, tem seu texto escrito pela prática dos seus moradores que difere da prática de tantos outros, como se fosse um pequeno mundo dentro da metrópole. Isso confere particularidades ao bairro, permitindo que ele

seja caracterizado como um bairro quase desconhecido em Belo Horizonte, um desconhecimento para os não residentes, os de fora, mas percebido contrariamente pelos residentes.

2. A ambiguidade dos bairros históricos de Belo Horizonte

Alguns bairros de Belo Horizonte, considerados “históricos” estão localizados na área pericentral e têm como uma de suas marcas a ambiguidade (Andrade e Arroyo, 2009). Essa ambiguidade está relacionada com o fato de serem considerados bairros tradicionais e provincianos, porque são antigos e sofreram poucas transformações ao longo do tempo, mas por outro lado já abrigaram ou ainda abrigam atividades como a boémia, as práticas de prostituição ou instituições como hospitais de isolamento, cemitérios. Atividades e instituições com aspectos estigmatizantes que desafinam com o tradicionalismo.

Frente a essa caracterização o Cachoeirinha pode ser considerado como um desses bairros pelo fato de localizar-se na área pericentral, mesmo que sua história não date da época da construção da cidade. Entretanto, sua “antiguidade” é referente às primeiras décadas do século XX, ou seja, as primeiras décadas de crescimento e ocupação dos espaços periféricos da cidade e assim, ainda guarda resquícios de um tempo passado.

Em se tratando do caráter ambíguo presente na imagem dos bairros “históricos”, o Cachoeirinha pode ser pensado como uma expressão dessa ambiguidade, mas com outras marcas que referenciam essa caracterização. A ambiguidade presente no bairro pode ser pensada a partir dos referenciais de construção de uma nova capital para o estado de Minas Gerais que fosse a representação do moderno tanto em termos do planejamento das ruas, avenidas, das edificações, da definição de locais para o exercício de quais atividades quanto do modo de viver que também deveria ser experimentado sem os ares do tradicional e do barroco que impregnava Ouro Preto, a antiga capital mineira. Mas a história da cidade foi se fazendo de forma a contrariar muito do que estava previsto no seu plano e entre essas contraposições está a forma de seu crescimento e ocupação. Esse fato é um ponto da ambiguidade presente na própria história da capital mineira e que pode ser apreendido não somente pelos resquícios dos ares interioranos na capital em suas áreas nobres, mas também como o moderno não alcançava toda amplitude da cidade. Desse modo, uma das faces da ambiguidade do bairro Cachoeirinha pode ser apreendida como uma forma dos habitantes de Belo Horizonte, em suas primeiras décadas, não experimentarem em todos os seus espaços, como previsto, os “ares de modernidade”.

Para além da expressão da ambiguidade presente na história de Belo Horizonte, é preciso ressaltar que o bairro Cachoeirinha ainda guarda, mesmo com todas as transformações na/da cidade e no/do bairro, modos de viver o cotidiano que se assemelham aos modos de viver das cidades interioranas. O bairro pode ser pensado como uma das expressões da ambiguidade do moderno na história de Belo Horizonte, mas também como um reduto desses “ares interioranos” que ainda se faz presente no cotidiano de seus moradores. A ambiguidade é que Belo Horizonte já não mais se assemelha aos seus anos iniciais, no que se refere às suas edificações e atividades, mas apesar de todas as mudanças e da sua configuração atual ser de um ambiente metropolitano ainda é possível encontrar resquícios de modos de viver e experimentar o cotidiano que parecem ser de um tempo que já não existe mais. Como se fosse possível dizer que essa ambiguidade da história da cidade não deixa de existir, ela se atualiza, ganha novas roupagens.

3. As relações de vizinhança no bairro Cachoeirinha

Pode-se pensar as relações de vizinhança como algo em processo mais ou menos intenso de enfraquecimento ou quase desaparecimento, a partir das considerações sobre o modo de viver nas cidades grandes e urbanas de Simmel (1987), Park (1987) e Wirth (1987). As ideias de Tönnies (1947) dada, inclusive, sua anterioridade face aos demais teóricos aqui mencionados, tem pertinência para analisar o teor das interações e das formas de sociabilidade presentes nas “já quase extintas” relações de vizinhança. E, então, o que pensar do contexto contemporâneo e, mais especificamente, como pensar o bairro Cachoeirinha a partir dessas reflexões? Primeiramente é possível dizer que a partir de uma observação preliminar sobre como os moradores do bairro se relacionam nas suas ruas com aqueles que podem ser tanto outros moradores quanto

apenas transeuntes, mas que, de maneira geral, podem ser descritos como desconhecidos na/da cidade, não se observa a presença do conteúdo das relações comunitárias, tal como enunciou Tönnies, e tampouco as referências de relações de vizinhança como descritas por Simmel, Park e Wirthⁱ. Isto é, de uma forma geral, os vários desconhecidos da cidade, dada sua densidade populacional e heterogeneidade, são tratados como tais e não são/estão envolvidos com os moradores do bairro Cachoeirinha como se fossem vizinhos, pois não têm com eles qualquer laço de parentesco ou amizade. Isso pode levar a pensar que as relações de vizinhança num ambiente citadino urbano têm mesmo a tendência ao enfraquecimento, ao desaparecimento, dada a diversidade de formas de viver, a diversidade de origens, ocupações, etnias, orientações religiosas etc. Só que não se pode perder de vista que o exemplo dado é relativo aos moradores ou transeuntes desconhecidos, esses não são os sujeitos de relações de vizinhança, pois são efetivamente do espaço exterior, público e não da intimidade. Isso estaria mais próximo do que Simmel (1987) menciona que na cidade grande a impessoalidade possa parecer fria aos olhos de um morador de uma cidade pequena. Uma observação mais detida e uma aproximação efetiva com moradores do bairro permitiu perceber o quão valorosas são consideradas as relações de vizinhança. Os vizinhos são, efetivamente, sujeitos que têm uns com os outros laços de amizade ou parentesco. Foi recorrente em praticamente todos os relatos recolhidos a menção a alguma situação rememorada da qual o vizinho era um sujeito fundamental da história ou mesmo a importância dos vizinhos para o sentimento de pertencimento e enraizamento no bairro.

Não tenho coragem de sair daqui não. É uma vida inteira. E aqui é um bairro assim, sabe, se a gente precisar de alguma pessoa, essa pessoa está sempre pronta a ajudar. No dia em que minha filha morreu, essa que morreu por último, parecia que o comércio fechou, porque todo mundo tava lá no velório. Parece que o bairro ficou de luto. (D. Conceição, 80 anos, 31 mar. 2009)

Eu conheço todo mundo aqui no bairro, eu paro converso com um, converso com outro tem amizade, tem minha mãe, meus irmão, amizade também. As casas vizinhas são de gente da família. Eu sei quem mora aqui na frente, ali na esquina, paro, converso. (Nelyⁱⁱ, 47 anos, 20 abr. 2009)

É como se os moradores do bairro tivessem seus olhares muito voltados para o local onde moram. Esse é o espaço onde se situam na cidade, os mais velhos fazem referência ao bairro e aos vizinhos, amigos e conhecidos que têm ali, como se fossem parte da vida inteira vivida e experimentada naquele lugar, naquela vizinhança. Assim, percebe-se que a experiência dessas relações ainda é grande e que o sentimento de enraizamento àquele bairro tem forte ligação com as relações comunitárias, nos termos de Tönnies (1947), que não ficam circunscritas somente aos laços de consangüinidade, mas também aqueles relativos à coabitação territorial.

Mas como forma de atualizar a reflexão em torno das indicações dos teóricos sobre as questões referentes à vizinhança e aproximar o olhar para o bairro aqui em questão, valerá capturar duas possibilidades de análise para o contexto contemporâneo, de acordo com Andrade e Mendonça (2007):

1. a vizinhança ou o bairro ainda podem ser considerados como um lugar de referência para os habitantes de uma cidade, por isso a ainda atualidade da pergunta: onde você mora?
2. a ideia de Simmel sobre o morador da cidade grande como possuidor de uma independência maior em relação ao espaço devido a maior possibilidade de mobilidade e/ou porque tem capacidade de manter relações com aqueles que estão distantes ao mesmo tempo que se distancia de quem está próximo.

Essas questões possibilitam pensar o bairro como um espaço citadino onde os seus moradores entrelaçam seus cotidianos a partir das interações e das relações de sociabilidade que desenvolvem com aqueles que lhes são próximos e, em muitos casos, conseqüentemente, conhecidos. Proximidade e conhecimento que podem ser revelados por uma trajetória ocupacional compartilhadaⁱⁱⁱ em um mesmo local, pela frequência a uma mesma instituição religiosa, pelos anos de estudos numa mesma escola, por questões geracionais, por relações de afeto em outros momentos da vida (infância, adolescência) e, evidentemente, pelo fato das residências serem no mesmo espaço da cidade que pode ser mais amplamente definido como o bairro ou como uma de suas ruas e/ou esquinas. No caso dos moradores do Cachoeirinha, essas formas de proximidade e conhecimento aqui descritas perpassam muitos dos relatos coletados durante a pesquisa, visto que é possível montar uma rede de conhecimento entre aqueles que conversei, porque me foram indicados e

apresentados uns pelos outros, ou porque por outras vias acabava percebendo o quanto a vida de alguns deles, principalmente os mais velhos, esteve entrelaçada, ou melhor, foi tecida pelos acontecimentos sociais que ali tiveram lugar. D. Amélia é irmã da D. Dolores e da D. Imaculada e todas nasceram no bairro Cachoeirinha. D. Imaculada é comadre do Sr. Jarbas que é amigo do marido da D. Amélia. As irmãs, Amélia, Dolores e Imaculada, e a esposa do Sr. Jarbas trabalharam na fábrica. D. Eliana é mãe da Cristina que foi colega de colégio da Nely. D. Amélia, D. Dolores, D. Maria, D. Tamira e D. Imaculada trabalharam na fábrica, se conhecem desde a juventude e hoje se encontram no grupo de atividades físicas que acontece na Igreja ou mesmo nas atividades religiosas. D. Maria incentivou o namoro da D. Conceição com o Sr. Armando. O Sr. Luiz foi contemporâneo do Sr. Armando quando trabalharam na fábrica.

Isso é apenas um exemplo de como as relações de conhecimento e partilha de experiências ocorreram entre eles, moradores do bairro. Tomando como referência essas relações é possível pensar o bairro a partir da ideia de um lugar de *reconhecimento* (Mayol, 1996), bem como a partir das considerações sobre a apropriação dos espaços como forma de desvendar percepções e significados construídos a partir da relação entre os moradores do bairro e as práticas sociais que nele desenvolvem (Gonçalves, 1988). Essas práticas sociais são recobertas por valores afetivos que não se circunscrevem somente ao fato de significarem envolvimento e relação com outros moradores, mas também de valores afetivos relativos ao lugar onde tais envolvimento e relações aconteceram, ou seja, o bairro é também recoberto por valores afetivos. Sendo assim, é possível dizer que as relações de vizinhança foram citadas de forma tão recorrente nos relatos sobre o bairro Cachoeirinha que ele pode ser percebido, pelo menos por alguns de seus moradores, como um espaço de reconhecimento de lugares, trajetos, relações. Como assinala Mayol (2005), o vizinho permite a prática do reconhecimento, pois não é anônimo, e o bairro, onde essa prática é realizada se apresenta como um sinal de pertencimento a um espaço da cidade, o lugar onde a prática cotidiana da vida pública primeiramente se realiza. É como se a cidade fosse re-fabricada pelo uso cotidiano que seus moradores realizam no bairro. Logo, o bairro pode ser considerado por seus moradores como um lugar de referência na cidade.

O sentido de pertencimento ao bairro é muito forte, visto que vários moradores, em especial os mais velhos, se pronunciam dizendo que não têm a menor intenção de deixá-lo, os argumentos para essa permanência têm relação com os vínculos sociais e físicos que estabeleceram e que se encontram entrelaçados. Para avançar essa ideia de pertencimento a um lugar por meio dos vínculos sociais e físicos, ou seja, a relação entre os valores simbólicos e a forma urbana, a noção de território pode ser elucidativa. “[...] mais do que percebido, o território é aprendido pelo indivíduo e construído pelas práticas e crenças que são de natureza social.” Isso implica dizer que os referenciais culturais são importantes para uma leitura das percepções espaciais as quais não se constituem apenas pelos elementos da ordem do visível (Roncayolo, 2001, p. 189). Dessa maneira, o sentimento de pertencimento territorial está fortemente associado às instituições como família, comunidade, cidade e a ideia de que “[...] territorialidade antes de ser expressa pela ligação a um lugar específico é, antes de mais nada, relação entre homens” (Roncayolo, 2001, 195). O território pode, então, ser considerado o repositório das relações entre as pessoas, das atribuições de sentido e significado fruto dessas relações, bem como pode ser pensado como uma forma de leitura e apreensão da passagem do tempo, da inscrição de marcas de outros momentos, outras pessoas, ou as mesmas pessoas em outros momentos. Com efeito, para que ocorra uma possibilidade de análise de um território, seja ele a cidade ou o bairro, é necessário ter acesso a esse conjunto de sentidos oriundos das práticas dos homens em tais lugares para que não se incorra no equívoco de “ler” bairros e cidades, apenas a partir de sua morfologia, pois essa também sofre com a passagem do tempo e acaba por conter suas marcas ou mesmo desaparecer. Entre as práticas e os usos cotidianamente realizados no bairro ressalta-se aqui as relações de vizinhança que podem ser analisadas como uma das formas que os moradores explicitam sua maneira de sentir a sua ligação, o seu pertencimento ao bairro.

4. Mudanças e Permanências

Uma primeira impressão que marcou minha percepção do bairro Cachoeirinha, a partir das primeiras visitas e conversas com seus moradores, é que ele se constituía como um bairro envelhecido. Um dos fatores que

corroborou para essa impressão foram os contatos iniciais com ex-trabalhadores da fábrica têxtil que no momento da pesquisa contavam com mais de 60 anos e moravam no bairro há mais de 30 anos. Então, a primeira impressão de que o bairro estava envelhecido ficou marcada em mim pelas questões relativas à idade dos moradores, ao tempo em que moravam no bairro, às características físicas das edificações, das vias de tráfego interno, bem como dos estabelecimentos comerciais. Com efeito, o tempo surge como categoria fundamental para decifrar essa primeira impressão e para suscitar novas reflexões em torno daquela realidade espacial que começava a se descortinar para a análise.

O entrecruzamento de tempos diferenciados foi elemento marcante das narrativas dos moradores do bairro Cachoeirinha fossem eles mais velhos (aqueles com mais de 60 anos) ou mais jovens (na faixa dos 40/50 anos). Houve sempre uma referência a um outro momento do tempo que não o presente para, inclusive, situar configurações físicas ou até mesmo mencionar diferentes formas de relações sociais. O entrecruzamento dos tempos ficou, então, explicitado pelo tempo vivido, experimentado, guardado na memória, e o tempo atual que está se fazendo e esse fazer consiste também em decifrar marcas do que já existiu.

Para elucidar a feição do bairro como um lugar envelhecido vale mencionar que quando indaguei aos moradores do bairro Cachoeirinha sobre o que identificavam como mudanças ocorridas ao longo do tempo, eles falaram tanto das mudanças físicas, dos estabelecimentos comerciais, dos serviços e o do próprio funcionamento da fábrica que não existe mais; quanto dos fatos relativos aos acontecimentos culturais, como o cinema, o teatro, as barraquinhas da igreja, o futebol e mesmo o *footing* que foi lembrado pelos mais velhos. Daí as questões: como interpretam as mudanças, o que permanece frente às mudanças e como permanecem.

O bairro, então, viveu a passagem do tempo que nele se efetiva com as mudanças físicas e de hábitos, usos e costumes dos moradores em relação à fruição de seus espaços e das atividades neles realizadas. Os espaços públicos modificaram-se, mas a experiência de viver o bairro como extensão do espaço privado do ambiente doméstico ainda existe visto que as relações de vizinhança expressam a extensão do mundo doméstico, a extensão das relações do mundo privado. O uso cotidiano desse espaço público – o bairro – é que o permeia de características mais próximas do espaço privado. “[...] pode-se apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço” (Mayol, 2005, p. 40).

No bairro onde residem, os moradores expressam, de alguma forma, por meio de suas formas de experimentar e viver o cotidiano como é ser morador daquele lugar da cidade. Por meio da fixidez da moradia naquele lugar, do costume com a vizinhança, dos processos de reconhecimento e identificação que são experimentados devido à proximidade é que torna possível identificar os elementos que revelam a vida cotidiana dos moradores de um bairro e, assim, aproximar de uma apreensão daquilo que foi narrado como a forma como viveram/vivem, experimentaram/experimentam os espaços e tempos da vida que se construiu/constrói nesse espaço da cidade. O cotidiano que experimentam é perpassado pelos encontros com os vizinhos, que literalmente vivem ao lado, pelos encontros nas atividades físicas com os amigos da igreja, do tempo do trabalho na fábrica, pelas relações de compadrio, pela frequência aos estabelecimentos comerciais, enfim, pelas atividades recorrentes que recobrem o cotidiano de alguns de seus moradores. Esses encontros reiteram as mudanças e realimentam as tradições. Como isso se dá? As mudanças são reiteradas visto que muitos relatam que eles próprios mudaram e que não mais têm tempo e vontade para que os encontros, tão usuais no passado, continuem a ocorrer, bem como as mudanças das comemorações das datas religiosas e das atividades cotidianas em consonância com os modos de viver contemporâneos também foram objeto de referência para relatar mudanças de hábitos.

É possível perceber como o Cachoeirinha foi sofrendo alterações em sua morfologia e como os moradores foram, concomitantemente, alterando suas rotinas, seus hábitos e seus costumes e com isso as atividades cotidianas também mudaram. Tais modificações não são, de fato, oriundas de um movimento interno, ou seja, as mudanças que ocorrem no bairro são, em certa medida, reflexos de mudanças na própria estrutura urbana da cidade. Sendo assim, vale ressaltar mais uma vez a ideia de que o bairro não pode ser pensado somente como uma unidade isolada, como um lugar da cidade que tem sua história e características, mas

deve ser pensado de maneira temporal e sem ignorar a história da cidade (Lefebvre, 1975). Dessa maneira, o bairro Cachoeirinha modificou-se ao longo do tempo no que se refere à sua paisagem, mas também às formas de viver de seus moradores; mudanças essas que devem ser pensadas em relação à cidade e não remetidas somente à realidade local. Assim como Belo Horizonte foi sendo modificado o bairro Cachoeirinha também mudou. Mas mesmo que o bairro seja uma expressão das próprias modificações que ocorreram na paisagem urbana de Belo Horizonte o que aparece como marca dessas mudanças? Como pode ser lida, em uma cidade tão jovem como Belo Horizonte, a situação de envelhecimento de uma de suas partes? Esse envelhecimento pode ser descrito como restrito às questões morfológicas? O envelhecimento do bairro pode ser interpretado como um dos aspectos da sua (in)visibilidade na cidade?

Como respostas para essas questões as pistas que apareceram foram relativas às narrativas colhidas junto aos seus moradores. As marcas mais visíveis de tal envelhecimento dizem respeito à idade dos moradores e aos formatos das edificações. Mas, por mais que isso fosse visível pelas formas físicas das edificações e pelas idades dos moradores, foi o próprio discurso de que o bairro envelheceu que corroborou para que minha impressão do seu envelhecimento fosse mesmo realidade. Com isso, minhas suposições começaram a se firmar como uma forma de caracterização do Cachoeirinha: estudava um bairro da cidade que poderia ser descrito como envelhecido tanto pelas edificações quanto pela idade dos moradores, mas também por um discurso relativo às mudanças endógenas do lugar que se referiam ao seu envelhecimento.

Era um bairro jovem e o bairro envelheceu. Até a minha geração, minha época, você saía na rua era cheia de jovem, vinha o pessoal da rua de cima, da rua de baixo, juntava todo mundo, eram os namoricos. Hoje você não vê jovens na rua. (Cristina, 47 anos, 21 mar. 2010)

Pra juventude de hoje não tem uma diversão, não tem uma distração. Agora todo mundo vai pra cidade, mas os encontros de jovens que acontecem não têm muita repercussão. [...] Não vê jovem na rua. Precisamos de sangue novo na Igreja. (D. Eliana, 78 anos, 21 mar. 2009)

Esses discursos, mesmo que tímidos, sempre foram ditos ao final dos meus encontros com os moradores como uma forma de caracterização atual do bairro. Eles contêm um tom de nostalgia, uma lembrança de um tempo que não existe mais e de um espaço que não se configura mais a partir dos mesmos usos e apropriações. “[...] ‘nostalgia’ que parece decorrente do fato de que as mudanças na vida cotidiana aparecem como perdas; de certo “estilo” que tinha a vida e não tem mais; [...]” (Carlos, 2001, p. 249). E o ato de rememorar apresentava-se aos moradores com quem conversei como uma possibilidade de tornar presente o passado, de atualizar o tempo. Nesses momentos era perceptível como a possibilidade da narração só ocorria porque o testemunho da experiência estava sendo revelado, pois não há testemunho sem experiência (Sarlo, 2007). É como se esse rememorar significasse uma forma de não permitir que o passado escape, que as formas antigas de relações não deixem de existir, que elas possam resistir, mesmo que por momentos efêmeros relativos à lembrança de determinados acontecimentos.

Partindo, então, desse pressuposto do bairro como um universo de pessoalização e da ideia de que o bairro seria algo próximo da privatização do espaço público, um lugar de conhecimento e reconhecimento (Mayol, 2005) – de pessoas, lugares e trajetos – é que levanto a suspeita sobre a questão da invisibilidade que recobre o bairro. O que faz parte da esfera da intimidade, do universo pessoal, não é para ser participado publicamente e fica, então, reservado ao mundo privado. O bairro Cachoeirinha, tal como descrito por seus moradores, contém um modo de viver que está relacionado com um universo de pessoalidade, carrega marcas da esfera privada, por isso se assemelha a um modo de viver interiorano. Dessa forma, o desconhecimento de grande parte dos habitantes de Belo Horizonte sobre a existência e/ou localização do bairro Cachoeirinha pode ser atribuído à ideia que seus moradores expressam de que aquele lugar é, de algum modo, íntimo, privado, é só de quem mora lá. Os “outros”, os de “fora” não têm acesso ao imaginário que recobre o bairro e por isso nem sequer sabem da existência ou se sabem, localizá-lo geograficamente na cidade é que é difícil.

Os moradores do Cachoeirinha, numa atitude de preservar o anonimato, mantêm a atitude de reserva em relação ao restante da cidade, como forma de não serem vistos, percebidos e assim manterem o modo como vivem preservado frente às mudanças. É como se fosse possível ser moderno – reservado, anônimo – para fora, mas tradicional no seu interior – preservação de um modo provinciano de viver o cotidiano. É possível

pensar o fato dos moradores do Cachoeirinha não se tornarem visíveis aos “outros” que são de fora do bairro como uma estratégia identitária e de apresentação no cenário urbano. Eles tomam como referência para a experiência da alteridade os “seus outros” que habitam o bairro e neles se espelham para se distinguirem daqueles que são de fora. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se tornam visíveis para o interior do bairro, tornam-se (in)visíveis para o exterior. No cenário que lhes é familiar os moradores do Cachoeirinha e o próprio bairro são visíveis, mas ao se descolarem desse universo de familiaridade a (in)visibilidade é que se faz presente.

5. Considerações Finais

As mudanças que ocorreram em Belo Horizonte, impactaram de forma mais intensa o entorno do bairro, mas alcançaram lentamente o Cachoeirinha e dessa forma ele se mantém como um reduto de provincianismo. Como assinala Costa (2008) o bairro não se configura somente como lugar de práticas sociais, mas também é um referente de representações identitárias que são resultado das interseções entre as dinâmicas da cidade e as dinâmicas locais. Frente às dinâmicas exógenas o bairro reinterpreta, re-significa seu cotidiano, elegendo o que mantém e o que exclui como características do processo de interseção com a cidade. Nesse lugar a tradição de modos de viver o cotidiano encontra repercussão entre seus moradores, ao mesmo tempo em que eles usufruem das efetivas mudanças propiciadas pela modernização de Belo Horizonte: as novas vias de tráfego, o encerramento do serviço de bondes, a nova fábrica têxtil, os novos bairros do entorno, as mudanças nas festas religiosas e dos seus ritmos. As novas dinâmicas internas foram impregnadas dos impactos que as mudanças externas acarretaram ao bairro, constituindo novas configurações morfológicas, mas essas conseguiram manter características de outros tempos conferindo um ritmo diferenciado no cotidiano de quem reside nessa parte da cidade. Esse ritmo diferenciado diz respeito ao quanto o Cachoeirinha absorveu da modernização da cidade e como essa absorção não implicou em romper ou superar com as tradições do lugar, mas conferir-lhes novas formas de existência que tornam claro o embate e a ambiguidade do moderno.

É como se no Cachoeirinha, os moradores não estivessem afeitos a abrir mão de elementos identitários que os conforma em moldes de vida tradicionais, assim ainda se pautam por essa referência para se identificarem perante os outros, em especial, os demais residentes do bairro, como se entre eles fosse possível não se sujeitar à urbanidade prevalecente na cidade como um todo. Dependendo da situação os indivíduos se valem de um dos elementos compósitos de suas identidades para alcançar determinados efeitos. As identidades podem, então, ser compreendidas como mediadoras entre a estrutura social e a ação dos sujeitos, isto é, elas são feitas e refeitas de acordo com as mudanças sociais e se pautam por uma constante interiorização de pulsões e constrangimentos. É no embate entre o novo e o velho, entre o tradicional e o moderno que se constitui a particularidade do Cachoeirinha, o bairro como expressão do híbrido, da fissura do urbano. Transpondo a ideia de destradicionalização da cidade para o bairro (Fortuna, 2001) é como se no Cachoeirinha houvesse uma resistência às inovações da cidade, mas ao mesmo tempo reconhece-se que para fora do bairro não é o modo de vida, ainda provinciano, que deve ser apresentado como característica local, mas classificações relativas à presença do urbano e do moderno. Como assinala Fortuna (2001), não há o absoluto da tradição nem da inovação.

Referências bibliográficas

- Andrade, Luciana, Arroyo, Michele (2009). *Patrimônio Cultural em Bairros Populares e os Atuais Desafios de Patrimônio em Belo Horizonte*. 33º Encontro Anual da ANPOCS: Caxambu, pp. 1-22.
- Andrade, Luciana Teixeira;Mendonça, Jupira Gomes de (2007). *Estudo de Bairros: construindo uma metodologia qualitativa com suporte quantitativo*.31º Encontro Anual da ANPOCS: Caxambu, pp. 1-23.
- Carlos, Ana Fani Alessandri (2001). *Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto.

- Costa, António Firmino da (2008). 2 ed. *Sociedade de Bairro: dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Lisboa: Celta.
- Canclini, Nestor Garcia (2003). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Fortuna, Carlos. As Cidades e as Identidades: narrativas, patrimônios e memórias (1997). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 33 (12). Recuperado em 10 de novembro 2007 de http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs_00_33/rbcs33_08.htm
- Fortuna, Carlos. Destradicionalização e Imagem da Cidade: o caso de Évora. In: FORTUNA, Carlos (org.) *Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia* (2001). 2 ed. Oeiras: Celta Editora.
- Gonçalves, António Custódio. Os Bairros Urbanos como Lugares de Práticas Sociais. In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia. Porto* (1988), I Serie, v. IV, pp. 15-31. Recuperado em 23 de março de 2009 de <http://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/157.pdf>
- Lefebvre, Henri. Barrio y Vida de Barrio. In: Lefebvre, Henri (1975). *De Lo Rural a Lo Urbano*. 3 ed. Barcelona: Ediciones Península.
- Mayol, Pierre. O Bairro. In: Certeau, Michel de (2005). 6 ed. *A Invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis/ RJ.
- Park, Robert E. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Velho, Otávio G. *O Fenômeno Urbano* (1987). 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- RIBEIRO, Rita A. C. Um Roteiro de Visibilidade e Invisibilidade na Cidade. In: *Observatorium: Revista eletrônica de Geografia*. v.1, n.1, jan. 2009, pp. 185-196. Recuperado em 07 de abril de 2010 de <http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/1edicao/UMROTEIRODEVISIBILIDADEEINVISIBILIDADENA CIDADE.pdf>
- Roncayolo, Marcel. *La Ville et ses Territoires* (2001). Paris: Gallimard.
- Sarlo, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007). São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG.
- Silva, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu da; hall, Stuart; Woodward, Kathryn (orgs.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (2000). Petrópolis: Vozes, pp. 73-102.
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: velho, Otávio G. *O Fenômeno Urbano* (1987). 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Tönnies, Ferdinand (1947). *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: Losada.
- Wirth, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. In: Velho, Otávio. *O Fenômeno Urbano* (1987). Rio de Janeiro: Guanabara.

ⁱ Ao colocar os três teóricos reunidos para mencionar a reflexão sobre relações de vizinhança não quero dizer que os três partilharam das mesmas noções.

ⁱⁱ Essa moradora nasceu no bairro Cachoeirinha, casou-se e foi morar no bairro Jaraguá, Regional Norte, onde permaneceu por 14 anos. Faz dois anos retornou ao bairro onde nasceu para estabelecer moradia.

ⁱⁱⁱ A existência da Fábrica Têxtil no bairro fez que muitos moradores fossem colegas de trabalho.